

INFINITAS POSSIBILIDADES DE EXPERIÊNCIAS PREJUDICADAS PELA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL.

Saudações, meus queridos amigos. Mais uma vez devo tentar ajudar aqueles de vocês que estão neste caminho a avançarem além do ponto onde possam estar encontrando dificuldades. Embora cada um de vocês possa estar enfrentando um problema diferente neste momento, essa palestra convergirá para aquele ponto de que todos vocês precisam agora para avançar sem muita dificuldade interior. Assim, vamos entender alguns fatores fundamentais que existem em vocês e no universo.

Já foi dito por todos os grandes professores espirituais, por todos os professores da verdade, que a criação é infinita em suas possibilidades e que o potencial do homem para perceber essas infinitas possibilidades de felicidade está no âmago do seu ser. Quase todos vocês ouviram essas palavras. Alguns podem acreditar nelas, pelo menos a princípio. Outros podem ter suas dúvidas quanto a aceitá-las, mesmo em teoria. Vamos agora tentar superar algumas das dificuldades a esse respeito.

É necessário, em primeiro lugar, compreender que ninguém cria nada sozinho. Nada novo jamais é criado. Isso seria uma impossibilidade. Mas é possível fazer uma coisa que já existe se manifestar. É um fato que tudo, absolutamente tudo, já existe. A palavra tudo não consegue transmitir o alcance desse conceito. Quando alguém fala sobre a infinitude de Deus, sobre a infinidade da criação, essa é uma parte do significado. Não existe um estado de existência, nenhuma experiência, situação, conceito, sentimento, objeto ou manifestação – de qualquer tipo ou grau – que já não exista. Existe como uma possibilidade, e no potencial já está dado o produto final. Eu entendo que é difícil para os homens aceitar essa ideia, já que é tão contrária ao modo de pensamento, de existência e de experimentação, ao nível de consciência que o homem geralmente tem. Mas quanto mais vocês aprofundarem seus pensamentos sobre esse assunto, mais fácil será perceber, entender, compreender.

Nada novo é criado, tudo já existe. Existe em outro nível de existência, de experiência, de consciência. Tudo pode ser descoberto agora mesmo, imediatamente, se e quando as obstruções específicas são eliminadas. Conhecer e entender os princípios da criação – que tudo já existe, e que o homem pode fazer essas possibilidades de existência se manifestarem – é um dos pré-requisitos necessários.

Antes de o homem poder criar novas possibilidades de desenvolvimento e extensões completamente novas de experiência em sua vida pessoal, é necessário que primeiro aprenda a aplicar essas leis da criação a suas áreas problemáticas, àqueles aspectos de sua vida nos quais está enfrentando problemas, está limitado, em desvantagem – onde se sente preso. O desenvolvimento saudável é uma sequência da criação de uma personalidade saudável. O aprendizado e a compreensão das leis da criação só podem acontecer se uma pessoa primeiro aplicá-las às áreas atormentadas da personalidade.

Qualquer possibilidade que pode ser imaginada, pode ser realizada. Suponham que vocês estejam em uma situação de conflito, e não conseguem ver a saída. Enquanto não imaginarem a saída, vocês realmente não podem concretizar a possibilidade que já existe. Ou se seus conceitos sobre a saída são nebulosos ou irreais, também o serão as soluções temporárias que parecerão ser as únicas possibilidades. O mesmo se aplica, é claro, à sua vida como um todo, bem como a áreas específicas. Se vocês realmente compreenderem que existe um número infinito de possibilidades em qualquer situação dada, podem encontrar soluções onde até então era impossível encontrar.

É prerrogativa do homem utilizar essas leis da criação, buscar essas possibilidades infinitas para desenvolver e tomar parte das oferendas da vida. Se a vida do homem parece tão limitada, é somente porque ele está convencido de que sua vida deve ser limitada. Ele não consegue imaginar nada além do que ele vivenciou até agora, e do que vivencia no presente. Essa é precisamente a primeira desvantagem. Portanto, para poder desenvolver suas próprias possibilidades de felicidade, suas mentes devem compreender esse princípio. Vocês não podem trazer à vida o que não podem imaginar. Vocês deveriam meditar sobre essa frase, pois sua compreensão irá abrir novas portas. E também deveriam entender que há uma grande diferença entre conceber novas possibilidades de expansão, de felicidade, de um lado, e sonhar acordado, de outro. Sonhar acordado de forma desejosa, resignada, substituindo a chata realidade pela fantasia não é em absoluto o que se quer dizer aqui, e isso realmente é um obstáculo à concepção correta dos potenciais da vida. Eu estou me referindo a um conceito de realidade vigoroso, ativo, dinâmico, do que é possível. Quando vocês sabem que alguma coisa que querem ocasionar existe em princípio, já deram o primeiro passo para sua realização.

Portanto, convido cada um de vocês a refletir sobre o que realmente imaginam sobre as possibilidades para suas vidas. Se examinarem de perto a si mesmos, verificarão inicialmente que imaginam possibilidades negativas, que naturalmente temem e querem evitar. Vocês se defendem contra as possibilidades negativas. Vocês usam a maior parte de suas energias psíquicas para se defender das possibilidades negativas. Isso significa motivação negativa.

A motivação negativa não significa necessariamente uma intenção destrutiva. Quanto a isso, uma motivação positiva, nesse contexto, pode significar uma intenção ou objetivo muito destrutivo. Evitar uma possibilidade temida significa motivação negativa. Em um exame rigoroso de seus processos mentais e emocionais, vocês descobrirão que são, em grande medida, motivados negativamente. Essa é uma das primeiras obstruções que os mantêm em uma prisão imaginária e desnecessária. Isso se aplica, é claro, a todos os níveis de sua personalidade. Aplica-se ao nível mental, onde não conseguem realmente ver as perspectivas infinitas da experiência, da expansão, do estímulo, de todos os tipos de possibilidades maravilhosas e felizes que é prerrogativa de vocês concretizar nessa vida. Ela existe ao nível emocional, no qual vocês não permitem o fluxo espontâneo e natural de seus sentimentos. Com medo, ansiedade e suspeita, vocês impedem esse fluxo espontâneo do que realmente sentem. E ela existe fisicamente, quando não permitem que seu corpo vivencie o prazer que é seu destino vivenciar.

Todas essas são limitações que vocês infligem a si mesmos de forma artificial e desnecessária. A próxima dificuldade e obstrução relacionada com a expansão de suas vidas e com a criação da melhor vida possível para si mesmos é o grande número de concepções erradas espalhada no mundo. Nós as discutimos no passado, em vários outros contextos. Recapitulando brevemente, elas são:

“não é possível ser realmente feliz! A vida do homem é muito limitada. A felicidade, o prazer e o êxtase são objetivos frívolos, egoístas que uma pessoa verdadeiramente espiritual deve abandonar em favor de seu desenvolvimento espiritual, que deve consistir de sacrifício e renúncia.” Nós não temos que elucidar essas concepções erradas que estão profundamente arraigadas, e que muito frequentemente estão mais na mente inconsciente do que na consciente. Nós já discutimos isso suficientemente no passado. Mas é necessário que vocês descubram a maneira sutil pela qual seguem esses conceitos, independentemente do que acreditam conscientemente. Vocês podem descobrir essas reações sutis observando a relutância que sentem em concretizar uma satisfação perfeitamente normal e inofensiva, uma necessidade verdadeira, um objetivo realmente construtivo. Vocês sentem como se algo os estivesse impedindo, paralisando seus esforços. Embora frequentemente também existam outras razões para essa relutância – algumas das quais nós discutiremos em breve – muitas vezes também é verdade que vocês simplesmente aceitaram uma ideia negativa que realmente não faz sentido e não tem um propósito positivo.

O medo da felicidade, do prazer, de uma expansão ampla das experiências de vida de uma pessoa, se baseia na ignorância de que tal satisfação possa existir; na ignorância de que vocês possuem todos os poderes, capacidades e recursos para criar e ocasionar o que desejam; baseia-se em concepções erradas, tais como a de que o prazer é errado, de que é egoísta desejar satisfação pessoal; no medo de ser aniquilado e desintegrado, se alguém confia no fluxo das forças universais e o acompanha. Para haver tal confiança, é necessário se desligar das vontades e forças do ego, e se entregar às forças benéficas de sua natureza profunda.

Todo ser humano nesse mundo abriga uma atitude de medo e fraqueza. Esse canto da personalidade geralmente induz a uma vergonha intensa, de modo que é mantido em segredo, muitas vezes até da mente consciente. Muitos instrumentos diferentes são inventados para esconder essa área fraca e dependente na qual a pessoa se sente profundamente impotente, dependente, incapaz de afirmar-se, incapaz até de proteger sua própria verdade e integridade. Aqui a pessoa é constantemente compelida a se trair, para se precaver da desaprovação, da censura, da rejeição. A necessidade dessa aceitação pelos outros é em grande parte menos vergonhosa do que as medidas que a personalidade toma para se submeter, para apaziguar, para agradar. Nós discutimos alguns desses aspectos no passado, é claro, pois eles são tão fundamentais psicologicamente que nós não poderíamos ter ido tão longe no seu trabalho sem que um avanço considerável já tivesse sido feito a esse respeito. Todos os mecanismos de defesa que vocês descobriram, e, talvez, em alguma medida, começaram a remover, não passam de meios para conseguir essa aparentemente imprescindível aceitação pelos outros, e/ou de maneiras de esconder essa submissão vergonhosa.

Nesta palestra, nós abordaremos esse tópico ainda mais detalhadamente, especialmente do ponto de vista da realização das possibilidades da vida. Nós estamos menos preocupados com as maneiras pelas quais vocês escondem essa área vergonhosa – muitas vezes através de uma atitude aparentemente oposta, como com indiferença, hostilidade, rebeldia compulsiva e cega, agressividade exagerada, etc.

Poucas coisas causam ao homem tanta dor e vergonha como esse ponto fraco em si mesmo que o faz sentir-se impotente e compelido a se trair. Nós já sabemos, meus amigos, que essa área permaneceu infantil. A criança ainda não sabe que sua personalidade como um todo cresceu e que realmente já não é indefesa e dependente. O bebê e a criança pequena realmente são indefesos e dependem dos pais. Mas nesse canto de seu ser, vocês não sabem ou não querem saber que isso não

é mais verdade. Para recapitular brevemente, a criança depende dos pais para tudo: abrigo, comida, afeição, proteção, e, por fim, mas não menos importante, para o abastecimento necessário de prazer. Porque o homem não pode viver sem prazer. Negar essa verdade é um dos erros mais prejudiciais. Corpo, alma, mente e espírito definham sem prazer. Da mesma forma que o adulto é capaz de estabelecer condições, através de suas próprias forças, para conseguir abrigo, comida, afeição, segurança, ele também é capaz de fazer o mesmo com relação ao prazer. Em todas essas áreas ele deve estabelecer contato, cooperação e comunicação com outras pessoas em vários graus. Ele não consegue satisfazer nenhuma dessas necessidades sem interagir com outras pessoas. Mas essa interação é completamente diferente da dependência passiva e fraca da criança pequena. A pessoa completamente adulta utiliza suas próprias melhores forças, sua inteligência, sua intuição, seus talentos, sua observação, sua flexibilidade para conviver com os outros, dando e tomando. Seu senso de justiça a torna suficientemente flexível para ceder. E sua autoconsciência a torna suficientemente assertiva para não ser pisada ou sofrer abusos. Esse equilíbrio muitas vezes precário entre essas forças de comunicação não pode ser explicado; é uma conquista que vem através do crescimento pessoal. A criança é incapaz disso. Ela é rigidamente unilateral em sua insistência de receber, pois essa é sua necessidade. O mesmo se aplica ao prazer. A criança precisa da permissão dos pais, por assim dizer, para tê-lo. O adulto deve ter sua própria permissão para estabelecer e utilizar a fonte de todo o prazer que está bem dentro de si mesmo. Através de sua própria permissão, ele terá a força e a segurança para estabelecer um contato significativo. Se ele precisa primeiro da outra pessoa para lhe dar permissão para sentir, ele ainda está na posição da criança ou mesmo do bebê. Eu repito, isso nunca implica que alguém consiga viver sem os outros, mas que a ênfase está mudada. O adulto encontra em si mesmo um reservatório de sentimentos inesgotáveis e maravilhosos. A insegurança e a fraqueza não são possíveis quando esses sentimentos são ativados.

Quando esse aspecto do homem está distorcido e parte de seu desenvolvimento está impedida, ele espera que outra pessoa (um substituto dos pais) torne possível para ele concretizar essa fonte profunda de seus próprios ricos sentimentos. Ele tem conhecimento deles, e os deseja. Mas ele não é mais uma criança que depende da permissão dos outros para senti-los, para ser capaz de ativá-los e expressá-los. Essa é sua tragédia, porque assim ele entra em um círculo vicioso. Sempre que se segue uma concepção errada, imediatamente um círculo vicioso se ativa, o que paralisa as forças do prazer, uma boa parte da energia, e assim torna a vida chata e sem brilho.

Negar o intenso prazer da existência, o prazer do fluxo de energia do corpo, da alma e do espírito humanos é negar a vida. Quando uma criança sofre essa negação, sua psique recebe uma espécie de choque – talvez pela falta repetida de prazer e pelos desejos não satisfeitos. Esse choque impede o crescimento a esse respeito, de maneira que a personalidade se torna desequilibrada. Em sua mente consciente, o homem ignora o fato de que nele existe uma criança chorosa, exigente, raivosa e impotente. Ele acredita que está completamente crescido. Mas no nível inconsciente onde a criança existe, ele não sabe que está crescido e que não precisa mais da permissão dos pais, ou, ainda mais, dos pais (substitutos) como fonte de prazer e de vida. Ele não sabe que é livre para buscar prazer, para buscar satisfação, para perceber seus próprios poderes para conseguir o que quer que deseje e precise. Esta é uma das cisões mais fundamentais na personalidade de um homem.

Agora vamos nos aprofundar com relação a esse canto escondido no qual o homem permanece uma criança. Vamos ver onde sua consciência ignora isso e onde a criança ignora os direitos e poderes do estado adulto. O círculo vicioso específico que eu mencionei anteriormente é isso: não saber que tudo já existe, de maneira que pode ser (re) criado como uma manifestação em sua vida, o

torna dependente de uma força externa, de outra autoridade, para todos seus desejos e necessidades. Nessa distorção dos fatos, ele espera por satisfação vinda da fonte errada. Isso mantém a necessidade eternamente insatisfeita. Quanto mais insatisfeito ele é, mais premente a necessidade se torna. Quanto mais premente a necessidade, maior é sua dependência, sua esperança, sua tentativa de agradar o outro, que, segundo ele imagina, deveria satisfazê-la. Ele se torna desesperado – desesperado porque quanto mais tenta, menos a necessidade é satisfeita, como deve ser nessa tentativa fora da realidade. Conscientemente, ele não sabe nada disso, ele não sabe que forças o guiam, nem em que direção. E ele está desesperado porque em sua urgência de ter sua necessidade satisfeita, ele se trai, trai sua verdade, trai o que tem de melhor. Tanto sua luta frustrada como sua autotraição criam uma corrente compulsória. Essa corrente compulsória pode se manifestar de maneira bem sutil. Ela pode não ser em absoluto patente, mas as emoções estão todas represadas dentro dela e isso inevitavelmente deve afetar os outros, e deve ter suas consequências legítimas e apropriadas. Qualquer corrente compulsória provavelmente fará os outros resistirem e se recolherem, mesmo que o que eles sejam forçados a fazer seja para seu próprio benefício e prazer. Assim, o círculo vicioso continua. A frustração contínua, que se acredita ser causada pela recusa egoísta do outro de cooperar e de doar, leva para dentro da alma raiva, fúria, e talvez até desejo de vingança, e também impulsos com vários graus de crueldade. Isso, por sua vez, enfraquece a personalidade ainda mais, pois a culpa aparece. Os sentimentos destrutivos devem ser escondidos de maneira que não antagonizem a “fonte da vida”. A rede de complicações se torna mais e mais apertada, o indivíduo está completamente preso nessa armadilha de suas próprias concepções erradas, suas próprias distorções, ilusões, com todas as emoções destrutivas que se seguem. Ele se descobre na posição absurda de desejar o amor e a aceitação de uma pessoa que odeia, e da qual se ressentir por deixá-lo insatisfeito por tanto tempo. Essa unilateralidade – essa insistência de ser amado por uma pessoa de quem se ressentir profundamente e a quem quer punir – aumenta a culpa, pois a presença sempre alerta do eu real projeta sua reação em uma mente que é incapaz de interpretar e separar as mensagens do eu real daquelas que vêm da criança interior.

O fato de que sua necessidade não é satisfeita pelo outro também enfraquece a convicção do homem de que ele tem direito ao prazer que tanto deseja. Ele suspeita vagamente de que pode estar errado ao querer isso. Assim, ele começa a deslocar a necessidade e o desejo originais, naturais. Ele os conduz para outros canais, nos quais eles são “sublimados”. De forma mais ou menos compulsiva, outras necessidades se criam. Durante todo esse tempo, ele está dividido entre a força da necessidade original, profundamente escondida, e a dúvida de que tenha direito a ela. Quanto mais dúvidas, mais dependente ele se torna da confirmação de uma pessoa com autoridade – um substituto dos pais, a opinião pública, certos grupos de pessoas que representam a última palavra da verdade.

Quanto mais tempo o círculo vicioso persiste, menos prazer e mais desprazer existem na psique, e mais essa pessoa necessariamente se desespera sobre a vida e dúvida de que a satisfação seja possível. Chega um momento em que a pessoa desiste interiormente.

Não existe um único ser humano que não abrigue de alguma forma e em algum grau essa área fraca interior. Nesse canto secreto, ele se sente não só desamparado e dependente, como também profundamente envergonhado pelas maneiras que utiliza para agradar a pessoa que, em qualquer momento, espera que satisfaça o papel da autoridade, para conceder o que ele precisa em termos de prazer, segurança e autorrespeito.

A corrente compulsória diz “você deve”. Ela exige que os outros sejam, sintam e façam o que a pessoa precisa e deseja. Isso pode não se manifestar externamente. Na verdade, na superfície isso pode ter o efeito completamente oposto. A incapacidade ou dificuldade do homem de se afirmar de forma saudável é um resultado direto do fato de esconder a corrente compulsória vergonhosa e ameaçadora. Ela é ameaçadora porque a pessoa sabe muito bem que, se mostrada abertamente, ela irá provocar muita censura e desaprovação, e possivelmente até rejeição aberta.

Eu convido todos meus amigos a encarar decididamente essa área em si mesmos. Alguns de vocês já fizeram isso; outros ainda estão lutando com ela e só admitiram sua existência sem muita convicção. Talvez alguns de vocês ainda tenham que enfrentá-la. Mas todos vocês devem atacá-la, se desejam concretizar os melhores resultados da vida e seus próprios, se desejam descobrir seus próprios poderes infinitos para criar bondade infinita em suas vidas.

Quanto mais forte o “deve”, secretamente e internamente lançado aos outros, mais o homem desativa seus próprios poderes, e mais paralisado e inativo se torna no corpo, na alma e na mente. Essa inatividade existe, por um lado, na medida em que o homem não se encaminha para ele seu próprio núcleo, no qual ficam todas as promessas realistas, no qual existe todo potencial para todo tipo de satisfação e prazer. Ele sem querer se força a depender dos outros, o que deve necessariamente trazer à tona o ódio. Encontrar o tesouro do núcleo de uma pessoa, pelo contrário, liberta a pessoa, e o contato com os outros se torna um prazeroso esplendor, e traz à tona o amor.

Ao usar continuamente a pressão interior, dissimulada, nos outros, porque se acredita dependente deles, o homem diminui seus recursos de energia disponíveis. Se a energia é usada de sua forma natural, correta, significativa, ela nunca se esgota. Vocês sabem disso, meus amigos. Isso só acontece quando é usada de forma errada. O homem usa inúmeros meios para lançar essa corrente compulsória. Eles vão desde todos os graus de obediência até resistência passiva, despeito, recolhimento, recusa em cooperar, forte agressão exterior, tentativa de persuadir através da falsa força e assumindo uma espécie de papel de autoridade, intimidação, etc. etc. Todas elas significam, no fundo, “você deve me amar e me dar o que eu preciso”. Quanto mais ele está envolvido cegamente nesse modo de existência, mais o homem se enfraquece, e mais aliena a si mesmo do centro de sua verdadeira vida interior, onde tudo que ele precisa e pode desejar é encontrado.

Para reorientar as forças da alma para sua verdadeira natureza e restaurar sua saúde intrínseca, deve ocorrer necessariamente o seguinte. O homem deve se desligar da pessoa ou pessoas específicas de quem espera sua satisfação da vida e que, precisamente por isso, ao mesmo tempo lhe despertam ressentimento. Ele deve reconhecer que ele cria expectativas sobre essas pessoas e exige delas o que ninguém pode satisfazer além dele mesmo, por si mesmo. O amor verdadeiro e tudo que vocês precisam e desejam só pode vir quando sua alma não tem medo, e quando vocês sabem que o material para amar – a força de seus sentimentos com os quais podem dar e receber – se encontra dentro de si mesmos. Pois enquanto vocês se prendem a outros, como crianças, negando os adultos que são, vocês se escravizam, no verdadeiro sentido da palavra. Quanto mais fazem isso, menos conseguem dar ou receber; menos os sentimentos reais de qualquer tipo, sentimentos sobre qualquer experiência vital, conseguem encontrar lugar dentro de vocês. Pois a raiva e o medo ocupam a maior parte do “espaço” em sua psique. É por isso que é tão essencial botar para fora essas emoções negativas, da maneira como aprendem a fazer nesse caminho, onde ninguém sai machucado. Botar para fora deixa espaço para os bons sentimentos. Aqui, tantos dos meus amigos ainda estão presos e paralisados. Isso é o que vocês menos querem fazer. Mesmo se admitem essas emoções negativas em

princípio, ainda preferem traduzi-las em atos em vez de expressá-las e assumir a responsabilidade por elas. Vocês ainda reclamam uma falsa perfeição que realmente não acreditam que exista mais em si mesmos, para predispor os outros favoravelmente em relação a vocês. Também se prendem a emoções negativas como se sua vida dependesse disso, porque temem os sentimentos positivos. Esse é ainda um outro aspecto do mesmo círculo vicioso.

Quanto menos forem responsáveis por si mesmos (no sentido mais profundo a respeito dos sentimentos negativos que ainda têm, bem como a respeito de seu direito e possibilidade de criar felicidade), mais deverão viver com medo. Consequentemente, mais devem “fazer” para eliminar esse medo. Assim tem origem a motivação negativa. Você vive uma vida artificial, de evitação ao invés de desenvolvimento e expansão, experiência positiva e prazer. Vocês objetivam evitar a ameaça de seu próprio sentimento negativo que iria estragar o objetivo de obter dos outros aquilo que deveriam obter de si mesmos. Vocês atrelam sua salvação aos outros, de quem ela nunca poderá vir.

A reorientação (além de reconhecer todos esses aspectos, é claro, o que é uma necessidade fundamental), deve sempre começar com a disposição de se soltar. Isso não pode ser imposto a alguém que não foi conscientizado da própria dependência, de forma muito rigorosa. Mas uma vez que esse seja o caso, torna-se possível abrir mão daquilo a quem alguém se prende fortemente. Esse desprendimento deve acontecer para trazer à tona uma mudança na estrutura de equilíbrio das forças da alma, de maneira que círculos benignos se perpetuem. Vocês também devem estar dispostos a deixar de lado sua racionalização, que dá uma aparência de correção aos seus argumentos. Porque vocês sempre podem conseguir apresentar a questão para si mesmos e para os outros como se seus desejos, necessidades e exigências aos outros não só fossem justificados, que não existe nada de errado com eles, mas que, na verdade, eles também são benéficos para o outro. Isso até pode ser verdade, em certa medida. O que vocês querem, em princípio, pode realmente ser bom e estar no seu direito. Mas no plano de uma corrente emocional compulsória oculta, vocês agem da maneira errada e não concedem à outra pessoa a liberdade que desejam para si mesmos. Vocês não dão a ela o direito de escolher livremente a quem amar e de aceitar ao invés de ser coagido, nem o direito de não ser rejeitada e odiada quando ela afirma essa liberdade, nem mesmo o direito de estar errada sem ser odiada e totalmente rejeitada. Essa é uma liberdade que vocês querem muito para si mesmos, e se ressentem profundamente quando os outros não a concedem a vocês. Vocês são incapazes de se defender nesses casos de maneira adequada, somente porque não concedem essa mesma liberdade aos outros, em determinado nível emocional. Quando examinarem a questão bem de perto, verão que isso é verdade. E quando fizerem isso, seu senso de justiça e sua objetividade irão ajudá-los a abrir mão daquilo a que se agarram desesperadamente, mesmo enquanto emocionalmente ainda acreditam que suas vidas dependem de fazer os outros sentirem e agirem como vocês desejam.

Uma vez que tiverem aprendido essa condição inicial (certamente com algumas recaídas inevitáveis que sempre devem ser novamente observadas e abordadas), vocês terão dado um grande passo em direção àquela fonte de seu ser interior onde não estão acorrentados à fraqueza e à ansiedade, ao medo e à raiva. Todos vocês se irritam com essa corrente que lhes prende o pescoço, que os mantém dependentes e ansiosos em uma situação em que não conseguem encontrar a força para se afirmar, em que se encontram absolutamente presos e não conseguem ver a saída, pois cada possibilidade parece errada. Nenhuma das alternativas visíveis lhes dá aquele sentimento bom a respeito de si mesmos, aquela força resistente e aquele bem-estar que faz até os passos difíceis parecerem possíveis, porque vocês sabem que eles são certos para vocês. A maioria de vocês já vivenciou isso, ao menos de vez em quando. É nesse momento que seu eu real é libertado e opera através de vocês.

Nosso objetivo é libertá-lo completamente. Para tanto, esse ponto fraco deve ser encontrado e, finalmente, superado. Ele representa o plano em que vocês estão mais presos, mais ansiosos. Se perguntem o que querem dos outros – onde estão presos, tão ressentidos, tão fracos, tão incapazes de serem quem são. Essa é a corrente, que só pode ser abandonada quando vocês param de querer dos outros o que devem proporcionar a si mesmos. Coloquem em palavras conscientemente, para si mesmos, o que quer que descubrirem que precisam dos outros. Dessa forma, vocês estarão mais perto de se desprenderem. Então vocês irão saber que esse é precisamente o ponto no qual vocês se escravizam, se enfraquecem e se paralisam. Vocês irão então vivenciar uma nova força resistente que emana de vocês, que subitamente soluciona problemas aparentemente insolúveis. Vocês passarão a ser livres quando derem liberdade. Somente quando souberem perder no nível do ego, onde podem empregar força, poderão ganhar ou vencer no nível da criação e do poder para construir uma boa vida. Ao contrário, sua incapacidade de ceder, de libertar, de ser justo, sua insistência em ganhar e fazer as coisas a seu modo, sua recusa de perder nesse nível do ego, torna impossível vencer onde importa, e torna impossível descobrir sua verdadeira força.

Jesus Cristo falou sobre isso quando disse que aquele que quer viver deve ser capaz de perder sua vida. Esse é o significado. Nas primeiras palestras, um bom número de anos atrás, eu disse essa frase: “Vocês devem desistir daquilo que querem ganhar”. Esse é o significado. Aqui nós estamos lidando com níveis. Eu espero que esteja bem claro que não existe nenhum sacrifício ou renúncia envolvidos. O que se pretende aqui é que vocês não podem conseguir o que querem e o que deveriam ter da maneira como o fazem e do modo como envidam seus esforços. A ênfase precisa mudar. Se vocês insistem em ganhar no nível errado, não poderão ganhar. Se conseguirem perder naquele nível, aí então poderão ganhar. Nesse caso, entrarão inevitavelmente naquele núcleo de si mesmos onde existe todo poder imaginável. À medida que concedem aos outros o direito de existir, seja isso conveniente ou não para vocês, irão descobrir realmente seus próprios direitos. Descobrir esses direitos é um processo que avança constantemente. A primeira manifestação será não mais se traírem, não mais se rebaixarem. Vocês descobrirão defesas verdadeiras boas contra o abuso. Vocês se sentirão bem com elas. A seguir, descobrirão “direitos” cada vez maiores de ter prazer e felicidade, que podem transformar em satisfação. Vocês descobrirão que rumam em direção a perspectivas e imagens do que a vida pode ser, possibilidades que nunca imaginaram que pudessem existir. Subitamente, se permitirão sentir prazer. Não irão mais se limitar com relação a ele, como, sem querer, fazem agora o tempo todo. Vocês irão parar de sabotar os processos espontâneos e irão aprender a confiar neles. Isso dará início a uma vida rica e uma segurança, realmente celestiais. Ao se libertarem e se soltarem das compulsões internas, vocês vivenciarão a beleza de relacionamentos livres, não forçados. Enquanto vivem no antigo padrão de dependência, vocês forçam os outros e assim são forçados a impor sua vontade a eles. A relação é de força de um contra o outro. Isso é enfraquecedor e gera um sem número de emoções negativas, resultando na perda de contato com o núcleo de seu verdadeiro ser, bem como com seus sentimentos positivos. Quando aprenderem a perder de bom grado, descobrirão um tesouro interior que é uma aventura completamente nova, um novo modo de vida, cujos primeiros estágios vocês estão iniciando. As áreas de suas vidas nas quais se sentem tão fracos e presos irão deixar de existir.

Busquem em seu eu interior, comuniquem-se com ele com o objetivo de eliminar essa fraqueza em vocês, que os amarra e os atrasa na vida – o que é um desperdício e desnecessário – e que não tem nenhum bom propósito, não importa o quanto vocês possam glorificar esse atraso. Todos fazem isso de um jeito ou de outro, da mesma forma que a humanidade vem fazendo há milênios, ao dizer que o prazer é errado, frívolo, que não é espiritual, de maneira que vocês podem ter sua pró-

pria desculpa particular para embelezar sua fraqueza e aparentemente fazer dela um trunfo. Assim vocês não conseguem realmente encarar a si mesmos. Somente encarando a fraqueza e a dependência, com a corrente compulsória que diz que os outros “devem”, vocês também podem encarar a força, a beleza e todos os potenciais que existem em vocês, de um modo que ainda não podem nem imaginar.

Sejam abençoados pela grande força que está aqui agora, mas ainda mais pela grande força que reside em vocês. Fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.